



ARTIGOS - ARTICLES

Considerações sobre a produção historiográfica no primeiro quartel do século XX a partir do I Congresso Internacional de História da América (1922)

José Lúcio Nascimento Júnior¹
Professor Centro Universitário Augusto Motta - UNISUAM
Doutorando em História UERJ
prof.joselucio@gmail.com

Como citar este artigo: NASCIMENTO JÚNIOR, J. L. “Considerações sobre a produção historiográfica no primeiro quartel do século XX a partir do I Congresso Internacional de História da América (1922)”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº7, p. 97-108. 2019. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Resumo: O presente artigo visa apresentar resultados finais de pesquisa de mestrado que versou sobre a circulação de intelectuais e a produção historiográfica na América Latina no primeiro quartel do século XX. Tomando como objeto de estudo o I Congresso Internacional de História da América realizado entre os dias 08 a 15 de setembro de 1922 como parte das comemorações do Centenário de Independência do Brasil, objetiva-se demonstrar como a produção historiográfica no Brasil estava se configurando e como ela não estava alheia a realizada em outros países, assim como a circulação de intelectuais fazia parte da política de diplomacia de diferentes países. Ao final, conclui-se que como a estratégia de realizar Congressos Internacionais de História fazia parte da política de diplomacia cultural estabelecida pelo Itamaraty e que no Brasil já era possível observar contornos da disciplinarização da História no período estudado.

Palavras-chave: circulação de intelectuais; historiografia; IHGB.

¹ Doutorando e mestre em História (PPGH-UERJ), graduado em História (UNISUAM), professor de teoria de história da arquitetura na UNISUAM.

Considerations on the historiographic production in the first quarter of the 20th century from the First International Congress of History of America (1922)

Abstract: The present article aims to present final results of master 's research that dealt with the circulation of intellectuals and the historiographic production in Latin America in the first quarter of the 20th century. Taking as object of study the I International Congress of History of America held from September 8 to 15, 1922 as part of the celebrations of the Centennial of Independence of Brazil, aims to demonstrate how the historiographic production in Brazil was becoming and how it was not unrelated to other countries, just as the movement of intellectuals was part of the diplomatic policy of different countries. At the end, it is concluded that the strategy of holding International Congresses of History was part of the cultural diplomacy policy established by the Foreign Ministry and that in Brazil it was already possible to observe contours of the discipline of History in the period studied.

Keywords: movement of intellectuals; historiography; IHGB.

O I Congresso Internacional de História da América foi um evento organizado e realizado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro entre os dias 08 a 15 de setembro de 1922 como parte das comemorações do Primeiro Centenário da Independência do Brasil. No referido congresso, houve a participação de historiadores, intelectuais e homens de Estado de diferentes países do continente americano e europeu, figurando tanto como uma reunião científica como uma política de Estado no que cerne as relações internacionais, dentro da lógica da diplomacia cultural.

O evento contou tanto com atividades acadêmicas, tais como as sessões de abertura e fechamento, e as sessões plenas, tanto com atividades culturais, tais como a visita a diversos locais de caráter científico (a exemplo do Museu Nacional de Belas Artes e da Biblioteca Nacional) como político (a Senado Nacional). Além disso, após a sessão de encerramento foi organizado um jantar de comemoração à realização do Congresso de História aos participantes, que contou com a presença de maioria participantes do Congresso. Serão objeto de análise do presente texto, os discursos de Manuel

Cícero, no encerramento do Congresso, e de Max Fleiuss, no jantar de comemoração.

No encerramento, coube a Manuel Cícero, vice-presidente do Congresso Internacional de História da América, proferir o discurso de encerramento, uma vez que o Barão de Ramiz Galvão, então presidente do evento, teve que se ausentar por motivo de enfermidade. A preleção foi iniciada com a lembrança da ausência do amigo Barão e das palavras do Conde de Afonso Celso na abertura do evento. O Congresso era visto por Manuel Cícero como a coroação das ideias de Max Fleiuss e Affonso Arinos, que o idealizaram e atuaram para que o congresso acontecesse. Destacou que do I Congresso de História Nacional realizado em 1914 veio a ideia do presente Congresso e da escrita do *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*. Mas foi ao tratar da importância do Congresso de História da América que suas palavras trazem luz a duas questões de grande monta no presente trabalho: a forma de se escrever História e seu papel na diplomacia cultural no primeiro quartel do século XX.

Manuel Cícero disse que estava alegre ao ver as várias nações que se fizeram representar no Congresso, destacando que o evento pôde contribuir para a construção da solidariedade americana. Para ele, os congressos eram uma forma de estreitar laços de solidariedade entre os participantes (e seus países), e tanto o historiador quanto a História tinham um papel fundamental nessa construção. Destacou como as propostas argentinas lembram o resultado do I Congresso Americano de Bibliografia e História, realizado em 1916. Tal posição corrobora com defesa que Oliveira Lima fez em seu discurso *O atual papel do Instituto Histórico* proferido em 1913 no IHGB. Nele o diplomata pernambucano demonstrava a importância da participação em eventos internacionais para a circulação de ideias, assim como de sua relevância para se observar o estado da arte da produção historiográfica².

² Para saber mais sobre esse discurso e seu impacto na promoção de Congresso de História pelo IHGB ver: Lúcia M^a Paschoal Guimarães, “Circulação de Saberes, Sociabilidades e Linhagens Historiográficas: dois congressos de História Nacional (1914-1949)” in. *Estudos sobre a História da História: Anais do Encontro de Historiografia e História Política (10 e 11 de outubro de 2005)*, org. Manoel Salgado Guimarães (Rio de Janeiro: 7 Letras / PPGHS-UFRJ, 2006, p. 162-181); _____. Limites políticos de um projeto intelectual para a integração dos povos do Novo Mundo: o Primeiro Congresso Internacional de História da América (1922). *Topoi*. [vol] 6, 10 (2005): (192-212); Mara Rodrigues. “Apresentação a Oliveira Lima”. in. *História e*

Ao longo do I Congresso Internacional de História da América foi levantado a ideia e elaborado um projeto de escrita de uma “História Geral da América” com contribuição de todos os países do Novo Mundo. Sobre essa questão, Cícero realçou que o vínculo fraterno entre as nações americanas se demonstraria na escrita do texto, mesmo que em cada país houvesse uma forma de escrevê-la. Suas palavras, por sua vez, podem ser um indicador de que mesmo que existisse pontos em comum entre todos, os historiadores, os letrados e os homens de Estado ali presentes reconheciam que havia singularidades no fazer de cada país. Nesse sentido, a análise historiográfica em perspectiva transnacional deve considerar tal diversidade para que não se caia em esquemas explicativos que retirem as singularidades dos sujeitos e processos históricos vividos.

Manuel Cícero defendia em seu discurso que “não bastará, porém, - todos sabemos -, fazer sínteses, extrair resumos, mas será necessário destacar o que for de maior interesse para a coletividade americana, fazer estudo comparativo, determinar as causas comuns e a razão de ser dos acontecimentos” (IHGB,1925, Vol. 1, p. 48). Segundo suas palavras, mais que interesses particulares, são os da coletividade que interessavam naquele momento. A História, na perspectiva de Manuel Cícero, que relembra a posição defendida pelo Conde de Afonso Celso em seu discurso de abertura do Congresso, a de Ricardo Levene na Primeira Sessão Plena e a de Max Fleiuss que será analisada a frente, deveria mostrar o passado como algo harmonioso e não conflituoso, uma vez que ressaltar as guerras poderia levar a revoltas e revoluções, dividindo o Estado-Nação. Para eles, e muitos dos presentes no Congresso, o seu ofício deveria contribuir para a Educação Moral e Patriótica, além de fortalecer os vínculos entre as nações.

O fim da I Guerra Mundial (1914-1918) levou à remodelação dos nacionalismos em diversas partes do mundo. Para Eric Hobsbawm, ao analisar o caso europeu, o pós-I Guerra é marcado pelo “princípio da nacionalidade”, motivado pelo fim dos impérios multinacionais e da ocorrência da Revolução Russa (1917). Contudo, as palavras de Manuel Cícero Peregrino nos levam a

Historiadores no Brasil do fim do Império ao avorecer da República (Porto Alegre: PUCRS, 2014, p. 247-258).

discordar de Hobsbawm quanto ao nacionalismo na América, pois segundo o historiador britânico:

O maior aglomerado de Estados Independentes fora da Europa – as repúblicas latino-americanas – chamavam pouca a atenção, a não ser nos Estados Unidos, e o nacionalismo nessa área era vista como uma piada ruritânia, ou associado ou indigenismo – a redescoberta cultural da validade das civilizações e das culturas indígenas – até certos grupos, nas décadas de 30 e 40, surgiram para mostrar simpatia pelo fascismo europeu, o que lhes permitiu ser alvo de atenções posteriores” (Hobsbawm, 2011,p.172).

Do ponto de vista econômico, concorda-se com o comentário feito por Hobsbawm em seu livro publicado em 1990, porém não se pode deixar de ressaltar que o nacionalismo na América Latina ganhou contornos próprios, não seguindo ao modelo e ao processo europeu. Pedro Sousa, Thiago Nicodemo e Mateus Pereira estão corretos ao afirmar sobre a História em perspectiva europeia que “a visão da história como antropológico universal associa-se, como afirma Seth, a um humanismo que concebe um Homem (com H maiúsculo) universal. A saída de Seth é a proposição de que a historiografia (europeia) é um ‘código cultural’ específico, uma forma de representar e se relacionar com o passado, entre tantas outras” (Santos, Nicodemo e Pereira, 2017, pp.161-186). Nesse sentido, o modelo de nacionalismo tal como proposto por Hobsbawm deve ser visto como um código cultural com suas especificidades, e que o historiador pode ou não o utilizar para realizar suas análises. No caso da presente dissertação, rejeita-se a proposta de Hobsbawm para se considerar as especificidades do processo americano.

Partindo obra organizada por Eric Hobsbawm e Terence Ranger intitulada *Invenção das tradições* (Hobsbauwm, 2002), Circe Bittencourt aponta que até a década de 1920 o nacionalismo tinha o caráter mais sentimental, mas com o final da I Guerra Mundial ele ganhou conteúdos mais de conhecimento local (Bittencourt, 1988, p.43-72). A busca pelo conhecimento local pode ser vista, na década de 1920, na América Latina, dentro dos movimentos modernistas, que preconizavam que ser moderno era olhar para o passado pré-colonial e colonial, enquanto o modernismo europeu pressupunha o rompimento com movimentos nacionalista. Segundo Monica Velloso, “acreditando-se responsáveis pelo conjunto da sociedade os intelectuais latino-americanos autorrepresentavam-se como arautos do novo e das mudanças.

Sentiam-se incumbidos de uma missão redentora: salvar a nação”(Velloso, 2010, p.30).

O projeto de uma escrita da História da América, tal como preconizado por Afonso Celso no Congresso, segue essa lógica e Manuel Cícero não deixou de captá-la. Ao destacar o encargo de se buscar “o que for de maior interesse para a coletividade americana”, o vice-presidente do Congresso tinha em mente, também, as palavras de Afonso Celso no discurso de abertura que ressaltou a posição a América na missão de ser exemplo aos países do Velho Mundo. E para assumir tal posição, era necessário conhecer o passado do continente, desde as primeiras civilizações, tal como estava estabelecido pelo projeto de Escrita da História da América³.

Outro ponto a se ressaltar dentro dessa lógica da América como modelo para a Europa e da posição de Manuel Cícero de se buscar “o que for de maior interesse para a coletividade americana” pode ser visto no discurso posse no IHGB de João Ribeiro, em 1915, no qual se lê “o presente é quem governa o passado e é quem fabrica e compõe nos arquivos a genealogia que lhe convém” (Ribeiro, 2014, p.282). Posição que se assemelhava a de Benedito Croce e que estava presente na discussão do anteprojeto de escrita da História da América. Aquele congresso era o primeiro a propor a produção de uma leitura de passado comum, capitaneada por historiadores do próprio continente americano, seguindo por lógicas diferentes da europeia, o que não significa que letrados brasileiros desconhecêssem e não utilizassem teorias formuladas no Velho Mundo.

Quanto ao tema do ofício do historiador, as posições de historiadores como o Conde de Afonso Celso, Max Fleiuss, Ricardo Levene, Manuel Cícero e outros do período demonstravam que o seu papel era recorrer às fontes para delas retirar a verdade, sem elas a História escrita não ficaria completa ou verdadeira. Por isso, Manuel Cícero aponta para o historiador, para que ele recorra a elas para que seja escrita a História Geral da América, uma vez que estão disponíveis nos arquivos e bibliotecas. Essa posição também foi

³ O recorte temporal estabelecido para a escrita da História Geral da América se iniciava com as populações da antiguidade americana e seguia até o início do século XX, considerando-se temas como a imigração nas duas primeiras décadas do referido século. Para saber mais sobre o projeto de escrita da História da América, ver: Lúcia M^a Paschoal Guimarães. “Limites políticos de um projeto intelectual para a integração dos povos do Novo Mundo: o Primeiro Congresso Internacional de História da América (1922)”.

defendida por outros membros do IHGB, tais como Oliveira Lima, Pedro Lessa e Clovis Beviláqua. O ofício do historiador estava ligado a saber cotejar os arquivos e documentos disponíveis, e isso era um ponto comum a muitos dos presentes naquele congresso, assim como para os europeus, vide o convite feito pelo professor Temperley a Manuel de Oliveira Lima em 1913 para que escrevesse uma memória sobre os arquivos brasileiros e enviasse para o Congresso Internacional de Ciências Históricas reunido em Londres naquele ano⁴.

Como Levene, Cícero também destacou a importância da produção de fichas e de um repositório bibliográfico para facilitar a ação daqueles que iriam escrever a “História Geral da América”. Porém, em sua preleção não houve uma separação tão nítida entre o fazer das academias e das universidades como nas palavras do historiador argentino em seu discurso na Primeira Sessão Plena, o que pode servir de indicação para o fato da disciplinarização já estar em curso no Brasil, mas a falta da formação em universidades ainda não propiciava a divisão de tarefas. Como um bom anfitrião, encerrou seu discurso com votos para a solidariedade entre os países americanos.

No mesmo dia, à noite, no salão nobre da Associação dos Empregados do Comércio, ocorreu o Banquete oferecido aos congressistas. O anexo a ata de encerramento, permite o acesso ao discurso proferido por Max Fleiuss na solenidade. Mesmo sendo mais curto que os proferidos por Afonso Celso, Ricardo Levene e Manuel Cícero, ele é revelador de posições compartilhadas pelos historiadores do período. No início dele, Fleiuss apresenta não apenas a filiação de suas ideias, mas quais seriam os historiadores que considera como ilustres representantes de seu ofício.

Compartilhei sempre a opinião daqueles que reconhecem no culto da philosophia da História, da grande ciência de Mommsen, Niebuhr, Otfried, Trirwall, Flint, Gibbons e Fustel de Coulanges, o mais valioso fator da vitalidade, do expansionismo e do conagraçamento intelectual.

Na hora presente de plena floração da cultura humana, cujo vertiginoso desenvolvimento do Novo Mundo assombra a velha Europa, a ciência histórica, que é uma conquista recente do pensamento humano, assume especial feição, subordinando-se às leis geraes do transformismo filosófico de Cuvier e da paleontologia de Le Dantec, Heckel, Darwin e Matchnikoff.

⁴ Para saber mais sobre esse convite, ver o discurso de Manuel de Oliveira Lima. *Obra Seleta*. Dir.: Barbosa Sobrinho (Rio de Janeiro, INL, 1971)

Notáveis historiadores como Hipolito Taine, aplicando ao estudo da História o mesmo processo experimental das ciencias naturais, investiram-na de verdadeiro cunho científico.

A par disso, Sainte-Beuve, Renan, Burke estabeleciam, entre as escolas e métodos de investigação histórica, o criticismo ou critério científico da História, a que se filiam modernamente muitos dentre os mais ilustres historiadores d'América, entre outros Vallenilla Lanz, Eloy Gonzales, Carlos Villanueva, Cesar Rivas, Ricardo Levene, Lysandro Alrado, Arcaya, Ruiz Guiñansu, Oliveira Lima, Capistrano e João Ribeiro (IHGB, 1925).

No trecho acima, o primeiro ponto a se chamar a atenção consiste na afiliação declarada por Max Fleiuss à Filosofia da História, ou seja, ao grupo que mais que praticar a ciência, refletia sobre suas bases teóricas. Tal posição fica ainda mais evidente com a leitura de um manuscrito escrito por Fleiuss, intitulado *O Brasil e seus historiadores*. Esse documento foi escrito para ser proferido como uma palestra, e nele o secretário perpétuo do IHGB aponta cinco fases de escrita da História no Brasil, a saber:

Quadro 1 - A divisão da Historiografia brasileira por Max Fleiuss.

Nome do Período	Exemplos de escritores
Período narrativo	José de Anchieta e Gabriel Soares
Período de crônicas e memórias nobiliárquicas	Jabotão
Período de analítico ou historiográfico	Baltazar Lisboa e Fernandes Pinheiro
História científica	Francisco Adolfo de Varnhagem, visconde de Porto Seguro, Capistrano de Abreu, Oliveira Lima, João Ribeiro, Calogeras, Rocha Pombo, rio Branco, Joaquim Nabuco, Visconde de Taunay
Período atual	Não citou nomes, apenas falou em historiadores que se recomendam pelo escrito.

Fonte: Manuscrito *O Brasil e seus Historiadores*. Arquivo pessoal de Max Fleiuss no IHGB

O quadro acima apresenta os períodos listados e alguns letrados que figuravam em cada um dos períodos. Torna-se salutar enfatizar que os nomes de Oliveira Lima, Capistrano de Abreu e João Ribeiro figuram tanto na lista do manuscrito quando no discurso proferido no jantar de encerramento ligados à tradição de uma História Científica, assim como ressalta-se que mesmo estando todos os três historiadores vivos e serem sócios dos IHGB no momento do I

Congresso Internacional de História da América, em 1922, nenhum deles figurou nas listas dos presentes de nenhuma das sessões do encontro.

Na tradição da História Científica, Fleiuss incluiu, também, Ricardo Levene e Ruiz Guiñansu, representantes da delegação argentina e que não puderam comparecer ao jantar de encerramento, tal como cartão enviado por Levene a Fleiuss no dia do evento. Ao longo das várias sessões e atividades do congresso, não foram poucos os momentos registrados em que ocorreu a troca de informações entre os argentinos e os brasileiros. Em ambos os textos, tanto no manuscrito quanto na preleção, pode ser possível observar que a disciplinarização estava em curso no Brasil, pois as escolhas feitas por Fleiuss seguiam um critério por ele mesmo anunciado: a investigação histórica por um método científico.

O problema da cientificidade evocada no discurso também possibilita que se questione as formas como os historiadores brasileiros se apropriavam dos escritos e das ideias de pensadores europeus. Por exemplo, em seu discurso, Fleiuss citou um conjunto de pensadores que anos antes Pedro Lessa havia utilizado como base em seu estudo intitulado *É a história uma ciência?* (Lessa, 2014, pp. 79-168)⁵. Ambos se reportaram a nomes como Fustel de Coulanges, Christian Theodor Mommsen, e Hippolyte Taine. De acordo com José Carlos Reis, Fustel de Coulanges, Taine e Renan foram “historiadores menos intuitivos do que os da escola romântica, porém mais seguros, mais especialistas do método crítico” (Reis, 2011, p.30). Para Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia, Fustel e Renan são, cada uma a sua maneira, os melhores exemplos para se pensar a história científica (Delacroix, Dosse e Garcia, 2012, p.95). Nesse sentido, referenciaram tais pensadores em seus textos. Fleiuss buscava conferir cientificidade aos estudos que vinham desenvolvendo. Cabe apontar que a ideia de cientificidade de Fleiuss e Beviláqua⁶ era diferente da utilizada por Pedro Lessa, mas que os três concordavam que a História se fazia a partir de métodos científicos.

⁵ Sobre Pedro Lessa, seu estudo e os debates em torno da cientificidade da História, ver: Ângela Mª de Castro Gomes. *A República, a História e o IHGB*. (Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 21-52).

⁶ Para saber mais sobre a diferença no posicionamento de Clovis Beviláqua e Pedro Lessa, cabe apontar o discurso proferido pelo primeiro em recepção do segundo na Academia Brasileira de Letras em 1910. Ver: Clóvis Beviláqua. “Resposta ao discurso de Pedro Lessa”. in.: *Discursos*

O que Fleiuss buscava nos pensadores europeus era a base para o ofício do historiador que estava se consolidando naquele momento no Brasil, assim como em outros países da América. Ao contrário de Lessa, ele não se preocupou em defender a História como uma ciência, mas demonstrar que, a partir das referências utilizadas, era através do método que ele ganhava contorno de “criticismo ou critério científico”, sendo para ele as ciências naturais o modelo de ciência. Dessa forma, ao apontar nomes como os de Le Dantec, Heckel, Darwin e Matchnikoff, estava demonstrando qual era o modelo de ciência que possuía. Heckel fora discípulo de Darwin e é apontado como um dos criadores do termo Ecologia, na década de 1860. Porém, estudos atuais indicam que mesmo tendo participado da formação do conceito, Heckel pouco contribuiu para a formação da disciplina, que apenas se tornaria autônoma anos depois (Barbault, 2011, pp.18-19).

Ao advogar que o método experimental deveria fazer parte do ofício do historiador, sobretudo ao se fazer a crítica às fontes, Fleiuss apontava uma forma de pensar a profissão que era compartilhado por historiadores que lhe eram contemporâneos. Como aponta Proust, “as regras da crítica e da erudição, a obrigação de fornecer suas referências, não são normas arbitrárias; certamente, elas instituem a diferença entre o historiador profissional e o amador ou romancista” (Prost, 2014, p.61). É através do domínio das técnicas e métodos que se identificava o historiador, outrossim, compreender a cultura histórica na qual as personagens estavam inseridas auxilia a compreender melhor suas formas de verdade histórica.

As formas de fazer história propostas por Sainte-Beuve, Renan e Burke eram apontadas por Fleiuss como modelos seguidos por outros historiadores. Havia referências partilhadas em comum por letrados de vários países, o que indica que a circulação de ideias entre a América e a Europa eram constantes no período. Tal circulação de ideias poderia ser fruto da ação dos indivíduos ao participarem de eventos de historiadores, tais como o Congresso Internacional de História da América, que é objeto da presente dissertação. Na perspectiva de Renan, a história deveria auxiliar na formação do nacionalismo, posição que, como foi apresentado, era compartilhada por vários historiadores do período.

acadêmicos. Org. Academia Brasileira de Letras. (Rio de Janeiro: ABL, 2005 [1910], p. 477-486, Tomo 1, Vol. 1 a 4, 1897-1919).

Os Congressos de História, com destaque especial ao realizado pelo IHGB em setembro de 1922, são apontados por Fleiuss como importantes para a contribuição entre intelectuais e como mostra de solidariedade, reforçando o que haviam defendido Afonso Celso, Ricardo Levene e Manuel Cícero em seus discursos. O secretário perpétuo apontou o papel que o Instituto Histórico estava assumindo ao propor e encabeçar o projeto de escrita da América, ressaltando como do continente americano viria o desenvolvimento da História recente. O presente era evocado como forma de se compreender o passado e projetar o futuro, pois por ser um local de paz o Novo Mundo poderia assumir a dianteira do processo.

Por fim, seu discurso se encerra tratando de temas importantes naquele momento. O primeiro da posição de paz que o Brasil assumia em suas relações internacionais. Em seguida, lembra o papel do estado brasileiro na questão das fronteiras no continente americano; tal posição torna-se relevante, pois, como indica Lúcia Guimarães, havia sido Max Fleiuss um dos grandes articuladores para que o Barão do Rio Branco assumisse a presidência do IHGB em 1908 e que para o chanceler brasileiro a questão das fronteiras era um tema de grande relevância. Ressaltou, também, que o Brasil era um país aberto ao colono europeu, demonstrando que o tema de imigração não era apenas algo que estava na agenda de historiadores portenhos ou estadunidenses, mas também de brasileiros.

Referências bibliográficas

- BARBAULT, Robert. *Breve história dos conceitos e das ideias em ecologia*. in: Ecologia Geral: estrutura e funcionamento da Biosfera. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BITTENCOURT, Circe. *As Tradições Nacionais' e o ritual das festas cívicas*. in.: Ensino de História e criação do fato. org. Jaime Prins São Paulo: Contexto, 1988.
- DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick . *As correntes historiográficas na França: Séculos XIX e XX*. (Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 95)
- HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780* (São Paulo: Saraiva / Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.) *A invenção das tradições*. (3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002).

IHGB. Revista do IHGB – *Tomo Especial: Congresso Internacional de História da América (1922)* (Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1925, Vol. 1.

LESSA, Pedro. “Reflexões sobre o conceito de História” in.: NICOLAZZI, Fernando. (org). *História e Historiadores no Brasil do fim do Império ao alvorecer da República*. org. Fernando Nicolazzi. Porto Alegre: PUCRS, 2014.

PROST, Antoine *Doze lições sobre a história*. 2ª Ed.; 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

REIS, José Carlos. *A história entre a filosofia e a Ciência*. 4ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RIBEIRO, JOÃO. Discurso de posse do IHGB [1915]. *História e Historiadores no Brasil do fim do Império ao alvorecer da República*. org. Fernando Nicolazzi. Porto Alegre: PUCRS, 2014, p. 282)

SANTOS, Pedro Afonso dos; NICODEMO, Thiago Lima; PEREIRA, Mateus Henrique. *Historiografias periféricas em perspectivas global ou transnacional: o eurocentrismo em questão*. Estudos Históricos [vol.] 30, 60, 2017.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *História & Modernismo*. (Belo Horizonte: Autêntica, 2010.